

PESQUISA E PRÁTICA PROJETUAL EM DESIGN: UM PROJETO EDITORIAL FEMINISTA

INGRID FABIOLA GONÇALVES¹; PROF^a. DR^a. HELENA DE ARAUJO NEVES²

¹ Universidade Federal de Pelotas 1 – ingridfabiola554@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas 2 – profhelena.neves@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo apresentar a prática projetual e parte das discussões apresentadas em um Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido junto ao Bacharelado em Design Gráfico da UFPel. Esta pesquisa procurou evidenciar a produção de fotógrafas brasileiras que tiveram seu trabalho exposto em um *Livro de Artista* – criado como resultado prático da referida investigação. Tal peça foi desenvolvida levando em consideração categorias presentes nos estudos feministas, bem como por meio de conceitos pertencentes ao Design Editorial e ao *Livro de Artista*. Para este fim, no que se refere ao Design Editorial foram utilizados os estudos de Lupton (2013), Silveira (2011) para a concepção do *Livro de Artista* a conceituação de Padek (2006) e para os estudos feministas, dentre outras autoras, investigou-se Tiburi (2018), Ribeiro (2018) e Pinto (2011). Tal pesquisa se deu a partir de uma visão crítica acerca da imagem feminina propagada pelos veículos de comunicação de massa que todos os dias,

ditam regras e criam estereótipos que segregam a figura feminina dentre inúmeros termos de sentidos pejorativos ou a explora como figuras espetaculares usadas como mercadorias para vender outras mercadorias (TIBURI, 2018, p. 79).

Entretanto, analisando a fundo as formas de representação feminina não só na mídia, mas também a imagem que emerge no campo das Artes e do próprio Design Gráfico, percebeu-se que grande parte dos profissionais por trás dessas construções, em termos de elaboração e criação, ou são homens ou pessoas que reproduzem estereótipos frutos de uma sociedade patriarcal. Ou seja, as imagens que de certo modo insultam e objetificam as mulheres as colocando em posição de vulnerabilidade e as classificando em estereótipos sexistas, nada mais são do que projeções imaginativas criadas por um grupo social majoritário que em nada representa o público que se propõe ilustrar. Foi a partir dessa perspectiva que a referida pesquisa se constituiu tendo por objetivo a criação de um *Livro de Artista* que divulgasse o trabalho de fotógrafas brasileiras expondo as suas percepções sobre as mulheres ou seja: a imagem feminina sendo exposta a partir do olhar de outra mulher. Neste artigo, portanto, apresenta-se parte desses resultados.

2. METODOLOGIA

A abordagem da investigação foi qualitativa (GIL, 2009) e inicialmente foi necessário definir uma amostra das possíveis fotógrafas que seriam incluídas na investigação. Optou-se por uma amostra intencional (GIL, 2009), constituída por jovens profissionais que traduzissem, de uma maneira visual, seus posicionamentos ideológicos através da fotografia. Tendo isso em vista, as fotógrafas escolhidas foram: Luisa Dör (RS), Alice Martins (RS), Isabela Lanave (PR), Gessica Hage (RJ), além do projeto EU GORDA (SP) comandado por Milena Paulino. Logo após, foi elaborado um breve estudo sobre a história do movimento feminista e sua concepção a partir da imagem. Deste estudo foi elaborado um glossário contendo alguns conceitos que serão expostos a seguir e que foram utilizados como um suporte teórico para o projeto prático.

Como metodologia de projeto para o processo de criação do *Livro de Artista* utilizou-se do *Design Thinkign* – que contém as seguintes etapas expostas por Lupton (2013): concepção; pesquisa; prototipagem e interação do produto com o usuário. Tais fases projetuais estabelecidas serão descritas a seguir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os debates travados pelo feminismo alguns conceitos foram utilizados na prática projetual resultante da pesquisa. Para isso, como já mencionado, construiu-se uma espécie de glossário com termos que serviram como base conceitual e gráfica para a prática projetual. Estes são alguns dos termos selecionados:

- **Luta:** Não se pode debater sobre feminismo sem falar de luta. Luta é a ação do desejo que nos politiza, é a busca incessante pelo que parece inalcançável. Feministas são seres em luta, sendo elas mulheres cis¹, trans² ou quem se identifica com o modelo binário. Durante a história da humanidade nenhum direito adquirido pelas mulheres veio de forma gratuita, mas sim sempre através de uma ação política (TIBURI, 2018).

- **Lugar de Fala:** Talvez um dos aspectos pelos quais as feministas mais lutam. A história das mulheres quase sempre foi contada por homens, uma vez que elas não possuíam, até há pouco tempo, uma voz ativa na sociedade. “Daí a importância da ‘fala’, como expressão e auto expressão no contexto do poder” (TIBURI, 2018, p. 54). Por isso, urge permitir que as mulheres digam por elas mesmas o que querem e como querem e se façam ouvidas. Levando em consideração que existem diversos feminismos e que a luta pelos direitos das mulheres é interseccional, o lugar de fala deve se estender a todas as mulheres (negras, brancas, transexuais, etc.) contendo as suas lutas. Sendo assim, quando debatemos sobre lugar de fala discutimos também sobre solidariedade, pois quando lutamos pelo poder de manifestação verbal batalhamos pelo lugar de todos. Ribeiro (2018), filósofa que possui um livro a respeito do tópico em questão, declarou em uma entrevista que o poder de fala é incômodo, pois justamente questiona os privilégios dados às maiorias sociais (homens, brancos e heterossexuais) e que esse desconforto é bom, pois amplia os debates dando voz ao movimento. Enfatiza ainda que o poder de fala não é sobre silenciar, mas sim sobre dar espaço para aqueles que socialmente foram calados no decorrer da história.

- **Identidade:** A mulher enquanto imagem e corpo sempre serviu a identidades criadas pela sociedade patriarcal para se satisfazer, criando inúmeros estigmas e categorias que as classificam de acordo com as posições e funções dentro da sociedade. Exemplos disso são: *mãe, dona do lar, piriguete, interesseira, Maria chuteira, histérica, fútil, solteirona, mulher para casar, mulher para não casar, ‘bela recatada e do lar’*, dentre muitos outros termos subjetivos – e que por definição descrevem como as mulheres deveriam ser tratadas. A identidade é a imagem que temos de nós mesmos e lutar pelo direito da autoimagem e ressignificar termos que não deveriam nos rebaixar e desqualificar é uma luta pela identidade.

- **Ressignificação:** Ressignificar um termo trata-se de um ato que tem sido comum entre as feministas. Basicamente é fazer uso de um termo que inicialmente foi criado para difamar ou estereotipar mulheres – mas que agora é usando para fortalecer sua luta. Um exemplo clássico tornou-se o termo “vadia”,

¹ Cisgênero, ou somente “cis”, são as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento (JESUS, 2012).

² Denomina-se as pessoas não-cisgênero, as que não são identificam com o gênero que lhes foi determinado, como transgênero, ou trans (JESUS, 2012).

que durante a história foi apropriado como forma de repressão às mulheres perante à sua sexualidade (TIBURI, 2018). Contudo, em 2011, um policial da cidade de Nova York deu uma declaração alertando que se as mulheres não quisessem ser assediadas deviam pensar em suas roupas e não em se vestirem como “vadias”³. A partir desse discurso machista, surgiu no Canadá o movimento *slut walk* (Marcha das Vadias) que logo se espalhou pelo mundo e tornou o termo “vadia” em um sinônimo da luta pelos direitos e pela liberdade sexual das mulheres.

A partir do glossário elaborado partiu-se então para prática projetual do *Livro de Artista*. Os chamados *Livros de Artistas* surgem na história da arte em meados do século XX como uma forma de libertação poética das fronteiras impostas pelas paredes dos museus e galerias. Os artistas modernos enxergaram na publicação independente uma oportunidade de personificar suas ideias e conceitos em um objeto único capaz de ser transportado e manuseado em qualquer circunstância. Foram profissionais capazes de se libertarem das amarras institucionalizadas do lugar físico e de criarem obras palpáveis que avançassem a experiência estética visual para a criação de sentidos. Segundo Silveira (2001, p. 47), o *Livro de artista* é o “livro em que o artista é o autor” e seu formato é tão ilimitado quanto seu conceito, pois ele pode ter um caráter artesanal e ser uma peça única, mas também pode ser produzido industrialmente com uma tiragem significativa. Por isso, mais do que seu método de produção o conceito é relativo à proposta do autor e à sua categoria de produção independente, que coloca o próprio autor como o artista/designer do livro. A partir do entendimento deste conceito elaborou-se um *Livro de Artista* contendo o trabalho das fotógrafias ao mesmo tempo em que debatesse questões vinculadas ao feminismo. Por isso, toda a estrutura do livro foi pensada de acordo com os preceitos feministas, desde suas cores até seu conteúdo narrativo (ver Fig. 1).

O livro assumiu um formato sanfona (com isso a cada capítulo ele vai se desdobrando). Foi composto por três capítulos, *Corpo*, *Autonomia* e *Sororidade*, cujos temas têm relação com as fotografias apresentadas. Cada capítulo possui também uma cor correspondente, quais sejam: o rosa para o capítulo intitulado *Corpo* que teve por objetivo ressignificar a identidade cultural relativa à essa cor. O capítulo *Autonomia* na cor azul – que expõe imagens de mulheres em posição de independência e poder, seja um empoderamento profissional, social ou estético que se buscou reforçar com o uso de frases que complementam a narrativa. O roxo, usado no capítulo *Sororidade*, foi escolhido por ser uma mistura de rosa e azul – o que se pretendeu fazer exatamente nesta parte do livro: misturar os conceitos.



Figura 1 - Livro de Artista
Fonte: Elaborado pela autora

³ Disponível em < <https://marchadasvadiascwb.wordpress.com/conheca-a-marcha/porquevadias/> > Acesso em: 15 Jul. 2018

Não foi intenção criar um livro somente com imagens que fizessem as mulheres pensarem sobre sua representação universal, mas instigar que elas refletissem sobre a sua própria representação e, quem sabe, pudessem se enxergar no debate provocado pelo livro. Por essa razão o livreto *Sororidade* elaborado é um exercício à leitora – para que ela passe a amar a si própria, mas também ter solidariedade com outras mulheres. De forma bastante resumida, pelo espaço que se tem neste artigo, esses foram alguns dos processos metodológicos e criativos para o resultado final obtido.

4. CONCLUSÕES

O resultado do recorte da pesquisa apresentado aqui partiu, desde o seu início, não só de ideologias pessoais, mas também de um constante aprendizado sobre o que é ser mulher e o que é ser mulher e Designer. No decorrer da investigação busquei ao máximo enaltecer e respeitar o trabalho feminino, não só das fotografias e das mulheres fotografadas que compuseram meu *Livro de Artista*, mas buscando por referências teóricas produzidas por pesquisadoras mulheres – autoras que assim como muitas outras lutaram por um lugar de fala. Também foi possível identificar que o Design tem função e possui um caráter inovador que ultrapassa os limites estéticos e comerciais podendo ser um transformador social. Por essa razão, acredito que o produto criado como resultado da investigação, o *Livro de Artista Olhares Femininos*, pode ser um instrumento de resistência e luta que é de muitas mulheres, mas que deveria ser de todas(os) nós!

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS

- LUPTON, E. **Intuição, Ação e Criação: Graphic Design Thinking**. São Paulo: Editora Gustavo Gilli, 2013.
- RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?**. Minas Gerais: Editora Letramento, 2018.
- PENEK, B. **O livro de artista e o museu**. In. Fórum de Pesquisa Científica em Artes, 4., Curitiba, 2006. Anais...Curitiba: Escola de Música e Belas Artes do Paraná, 2006, p. 40-45
- PINTO, C.R.J. **Feminismo, História e Poder**. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.
- SILVEIRA, P. **A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista**. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- TIBURI, M. **Feminismo em comum**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

DISSERTAÇÕES E TCCS

- GONÇALVES, I. F. **Olhares Femininos: Um Editorial Feminista**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Design Gráfico) – Universidade Federal de Pelotas.